

Quando em fins de Dezembro, recebi o segundo volume, enviei a Crowley três folhetos meus, de versos, em inglês que há bastante tempo publicara. Ao agradecer-mos, Crowley honrou-me com a afirmação de que me desejava conhecer, e de que aproveitaria a primeira viagem propícia, das muitas que fazia, para me vir falar. Assim fez. Tendo que sair de Inglaterra por motivos de saúde, escolheu Portugal — ou, mais propriamente, a Costa do Sol — para estância de repouso.

Em 29 de Agosto, recebi um telegrama anunciando que chegava no "Alcântara" e pedindo que o fosse esperar. O "Alcântara" retido em Vigo pelo nevoeiro, chegou a 2 em vez de a 1 de Setembro. Esperei Crowley, e encontrei-o, como se combinara. Datam desse dia as nossas relações pessoais. Crowley vinha acompanhado de uma senhora muito jovem que supus ser inglesa, mas depois soube ser alemã e chamar-se Hanni Larissa Jaeger. Ficaram os dois no Hotel de L'Europe, de onde foram, no dia seguinte, para o Hotel Paris, no Estoril. Encontrei-os (aos dois) só duas vezes depois da chegada — uma vez no Estoril, no dia 7; outra vez em Lisboa, no dia 9. Depois do dia 9 não tornei a ver Miss Jaeger.

Em 18 de Setembro recebi uma carta de Crowley, escrita do Hotel Miramar, no Monte Estoril. Dizia-me que Miss Jaeger tivera, na noite de 16, um violentíssimo ataque histérico, que havia sobressaltado o Hotel Paris inteiro; que em virtude disso tinha vindo para o Hotel Miramar; mas que, na manhã de 17, Miss Jaeger tinha desaparecido deixando apenas duas linhas a lápis dizendo que "voltava em breve". No mesmo dia 18 Crowley apareceu-me em Lisboa, visivelmente preocupado com o desaparecimento de Miss Jaeger. Disse-me que o que sobretudo o preocupava era a hereditariedade carregadíssima dela, a sua tendência proclamada para o suicídio, e a convicção em que estava de estar sendo perseguida por um mago negro chamado Yorke. Achava pois urgentíssimo descobrir o seu paradeiro.

Como me pareceu realmente importante encontrar Miss Jaeger — cuja tendência para o suicídio, com ou sem magos negros, não era tranquilizadora —, fui à Polícia de Segurança, por ser meu amigo o Segundo Comandante, Major Joaquim Marques, e a este expus a situação e pedi que se fizesse o possível para encontrar a desaparecida. Ficaram de a procurar, e sei que de facto a procuraram.

Que eu soubesse, não a conseguiram encontrar. Vejo agora, num jornal, que a Polícia (não sei qual) descobriu que ela saíra do país no dia 20, a bordo do vapor "Werra", para a Alemanha, e que era americana e não alemã, tendo até pedido auxílio monetário no Consulado dos Estados Unidos. Registo e duvido. O passaporte dela, como o vi e o tinham no Hotel de L'Europe, era alemão. Crowley ficou em Lisboa, no Hotel L'Europe, desde o dia 18 até ao dia 23, (salvo Domingo, 21, em que foi jogar xadrez a Sintra). Foi durante esta estada em Lisboa que lhe falei

mais vezes. No dia 22 disse-me, e no dia 23 repetiu-me, que ia outra vez para Sintra, com que ficara encantado, e que ali se demoraria alguns dias. Despediu-se de mim às dez horas e meia do dia 23, à porta do Café Arcada, no Terreiro do Paço. Nunca mais lhe falei. Quero crer que ainda o vi. No dia 24, vindo da Estrela, de manhã, no carro que desce a Avenida, vi Crowley ou o seu fantasma, dobrar a esquina do Café La Gare para a Rua 1º de Dezembro. No mesmo dia 24, ao atravessar a Praça Duque da Terceira, vi Crowley, ou o seu fantasma, entrar, com outro indivíduo, para a Tabacaria Inglesa.

Em nenhum dos casos havia tempo, ou até razão, para lhe falar, nem estranhei muito que viesse a Lisboa um indivíduo que está em Sintra.

No dia 25, passando pelo Hotel de L'Europe, perguntei contudo ao porteiro se o sr. Crowley efectivamente estava em Sintra. Respondeu-me que sim, e que se demorava até ao fim da semana. Disse-lhe que perguntava porque tinha visto o sr. Crowley, no dia anterior, nas imediações da Estação do Cais do Sodré; a isto o porteiro respondeu textualmente "é que ele deve ter ido ontem ao Estoril com um amigo que tem em Sintra". Isto, como é de ver, confirmou a minha impressão de cuja justeza não tinha razão para duvidar de ter visto Crowley duas vezes no dia 24.

A Polícia Internacional diz que ele passou a fronteira no dia 23. Se assim é, é assim; e nesse caso não foi a ele que eu vi no dia 24. Eu aceitaria de bom grado a indicação da Polícia Internacional; aceitaria, de menos bom grado, a hipótese de que se tratasse de uma mistificação de Crowley, se não fosse uma circunstância contida na carta achada na Boca do Inferno, que me faz reverter, em certo modo, à minha impressão primitiva. A carta, traduzida literalmente, diz o seguinte:

L.G.P.

Ano 14, Sol em Balança

Não posso viver sem ti. A outra "Boca do Inferno" (sic) apanhar-me-á —
não será tão

quente como a tua.

Hisos

Tu LiYu.

Explico até onde compreendo, e deixo o importante para o fim. "Ano 14" é sem dúvida o ano presente, na cronologia especial adoptada por Crowley, e cuja origem desconheço. "L.G.P.", não sei o que é, mas, pela colocação na carta, deve ser o "nome místico" de Miss Jaeger, ou as iniciais dele. "Hisos" também não sei o que é, mas também pela colocação, suponho ser uma "palavra mágica", entendida só pelos dois. "Tu Li Yu" sei o que é, por Crowley uma vez me ter falado nisso: é o nome de um sábio chinês, que viveu uns três mil anos antes de Cristo e de quem Crowley dizia ser a encarnação presente. E agora o ponto importante: a data é o "Sol em Balança". Ora o Sol entrou no signo de Balança às 18 e 36 minutos do dia 23 de Setembro; nesse signo permanece até cerca de 22 de Outubro. Essa carta foi portanto escrita entre essa hora do dia 23 e a hora em que foi encontrada. Data falsa? Não. Um astrólogo pode pôr datas falsas, como toda a gente, desde que use os algarismos ou formas vulgares. O que nenhum astrólogo, por motivos que não é lícito revelar, ousaria fazer, é falsear uma data escrita em sinais dos astros. Aceito que um astrólogo seja tido por louco, mas então essa superstição é um dos sintomas fatais da sua loucura.

Sobre o facto de Crowley assinar a carta, não com o próprio nome, nem com nenhum dos seus nomes ocultos ou maçónicos, mas com o nome representativo do que considera a sua primeira encarnação representativa, ou um seu primeiro "ser essencial", também haveria algumas observações a fazer, e de algum modo viriam para o caso . O que aí está, porém, já basta.»

10-1930

O Mistério da Boca do Inferno — O encontro entre o Poeta Fernando Pessoa e o Mago Aleister Crowley . Victor Belém. Lisboa. Casa Fernando Pessoa, 1995.

Excerto da reportagem de Augusto Ferreira Gomes. in **O Notícias Ilustrado** . Lisboa: 5-10-1930.